

A MODERNIDADE E O INSÓLITO EM *A HORA DOS RUMINANTES*

Raquel da Silva Ortega

Em 1966, José J. Veiga (1915-1999) publica o livro *A hora dos ruminantes*, que narra como o cotidiano de uma cidade pacata é alterado pela chegada de forasteiros, humanos e animais, o que acarreta uma série de acontecimentos insólitos. A arrogância e a opressão dos de fora suscitam reações diversas nos moradores, como medo, indiferença, coragem, apatia, colocando em xeque as identidades definidas e desestabilizando os comportamentos sociais locais.



José J. Veiga

O dilema da modernidade

A partir do século XIX, o mundo acompanhava as transformações causadas pela industrialização e estava inserido em meio às discussões da modernidade. A partir da metade do século XIX as identidades foram “descentradas”, isto é, deslocadas ou desfragmentadas. Compreendemos por desfragmentação um rompimento em várias partes e uma nova construção, remontando o que foi rompido.

As mudanças estruturais sofridas com o advento da modernidade ocorrem em dois pontos. Primeiro temos a fragmentação dos aspectos culturais de classe, gênero, religião, raça e nacionalidade que no passado situavam com segurança o lugar e o papel do indivíduo na sociedade e no mundo. Ao mesmo tempo, as identidades pessoais são transformadas, o que estremece a ideia que os indivíduos têm de si mesmos como sujeitos completos, oniscientes. Esta perda do sentido

pessoal, de saber com certeza quem somos e qual é o nosso papel no mundo consiste no que Stuart Hall define como deslocamento ou descentramento do sujeito (HALL, 2000). A crise de identidade moderna será então um duplo deslocamento: o deslocamento do indivíduo na sociedade e em relação a si mesmo.

A fragmentação das identidades pessoais e sociais começa com o advento da industrialização e dos descobrimentos da ciência e da tecnologia, que aceleram o ritmo de vida, criando novos ambientes e destruindo os antigos. Tudo o que se acreditava fixo, definitivo, todas as instituições profissionais, sociais, familiares, religiosas se perdem na atmosfera moderna. Com a chegada das fábricas, sobra pouco para o homem moderno fazer. A noção de indivíduo se perde e as pessoas passam a serem tratadas como massa, as relações não são mais individuais e sim globais, genéricas. O homem moderno não é mais um ser único e sim uma peça na grande engrenagem que se tornou o mundo moderno.

Além do indivíduo, a ruptura com o antigo afeta também a paisagem, que deixa de ser bucólica e pitoresca para mostrar os tijolos das fábricas e dos edifícios, o asfalto das ruas e a fumaça das chaminés, entre outras coisas.

Para completar o quadro, a humanidade moderna se encontra diante de uma total ausência de valores que, assim como a identidade e a paisagem, também se perdem diante dos novos tempos. Em meio a tantas perdas, o homem moderno se vê sem rumo, já que o que ele conhecia não existe mais e desta maneira não consegue prever o que está por vir. Se o homem moderno não conhece mais as instituições que o cercam, não tem condições de traçar planos futuros. Seu futuro escapa de suas mãos e passa a pertencer à Modernidade.

Em seu livro *Tudo que é sólido desmancha no ar*, Marshall Berman (1993) tece considerações interessantes sobre o tema da Modernidade.

Para ele,

Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu mundo transformando-o em nosso mundo. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiência e aventura, aterrorizado pelo abismo niilista ao qual tantas aventuras modernas conduzem, na expectativa de criar e conservar algo real, ainda quando tudo em volta se desfaz. (BERMAN, 1993, p.13)

Para Berman, o processo da Modernidade está baseado na experiência: a experiência do homem com o tempo e com o espaço, consigo mesmo, com os outros e com as novas possibilidades que a modernidade traz. Como estas categorias estão em constante mudança, a experimentação do indivíduo com o espaço e o tempo será contínua, gerando ininterruptas transformações no comportamento humano e conseqüentemente, no pensamento ideológico e artístico. Em outras palavras, a perda de parâmetros pré-estabelecidos gera novas possibilidades de pensamento: "A moderna humanidade se vê em meio a uma enorme ausência e vazão de valores, mas, ao mesmo tempo, em meio a uma desconcertante abundância de possibilidades." (BERMAN, 1993, p. 21). Ao estabelecer tais experiências o indivíduo interage com a Modernidade, conseguindo assim absorver-se no processo em que é forçado a viver.

Berman afirma que os grandes modernistas do século XIX e início do século XX combatem as mudanças deste novo ambiente, pois acreditam que a sociedade se tornou uma prisão, algo traiçoeiro, e as pessoas passaram a viver moldadas, sem liberdade de pensamento, de expressão, sem identidade e sem valores. Isto é, a humanidade não se constitui mais de pessoas e sim de máquinas, tornando os homens em apenas reproduções mecânicas. A perda de parâmetros pré-estabelecidos ultrapassa as relações humanas e chega à produção artística. Para Berman, a principal característica do Modernismo é a ironia: "*A ironia moderna se insinua em muitas das grandes obras de arte e pensamento do século passado (XIX); ao mesmo tempo ela se dissemina por milhões de pessoas comuns, em suas existências cotidianas.*" (BERMAN, 1993, p. 14) Ao lado da ironia, Berman também ressalta a paródia do passado, que consiste em buscar fatos passados, históricos, considerando que estes guardam fantasias e verdades desconhecidas, que poderão facilitar o entendimento dos acontecimentos modernos. Ao resgatar tais fatos, os modernistas não buscavam retratá-los fielmente como a Historiografia os narra e sim apresentar sua própria leitura do passado, brindando em seus escritos um passado imaginário, sonhado, idealizado (BERMAN, 1993, p.22).

O romance *A hora dos ruminantes* conta a história de uma cidade, chamada Manarairema, onde seus moradores são surpreendidos pela chegada de forasteiros que não se sabe de onde vieram nem seus objetivos. A rotina da cidade e o comportamento dos moradores são alterados por esta presença e também pela invasão de cães e de bois, o que gera grande desconforto na população da cidade, além de expectativa e medo do que ainda poderia ocorrer no futuro.

Manarairema era uma cidade simples e nos dá a ideia de uma representação de uma cidade primitiva, pré-moderna, não industrializada, em outras palavras, sem marcas de progresso. A cidade é cercada de mistério, o que pode ser constatado já nas primeiras linhas:

Manarairema ao cair da noite – anúncios, prenúncios, bulícios. Trazidos pelo vento que bate pique nas esquinas, aqueles infalíveis latidos, choros de criança com dor de ouvido, com medo de escuro. Palpites de sapos em conferência, grilos afiando ferros, morcegos costurando a esmo, estendendo panos pretos, enfeitando o largo para alguma festa soturna. Manarairema vai sofrer a noite. (VEIGA, 1991, p. 01)

Como podemos ver, todas as noites da cidade anunciavam algo, como se os moradores do lugar estivessem na expectativa de algum acontecimento diferente, mesmo sem saber o que era. Numa determinada noite, algo diferente ocorre. No entanto, no momento em que escutam e veem um carregamento fora de hora, a primeira coisa que os moradores pensam é que era um carregamento de toucinho (VEIGA, 1991, p. 02), o que evidencia o comportamento e o pensamento simplórios dos moradores de lugar, acostumados a interpretar o mundo a partir da sua visão de mundo, que não era muito ampla. Pelo clima de mistério, tudo poderia acontecer, mas os moradores não conseguem imaginar um acontecimento inesperado que fosse diferente do que eles já conheciam, isto é, a chegada de comida. Por mais que estivessem esperando pelo novo, não imaginavam este novo fora do que já era conhecido em sua experiência.

Quando os moradores percebem que o carregamento não era de comida, produz-se o estranhamento: "*Dez cargueiros sumindo na estrada certa, sem desvio? Era preciso uma explicação, o assunto não podia ficar no ar*". (VEIGA, 1991, p. 02). Logo, surgem algumas tentativas de explicação: alucinação ("*Era vontade demais de ver cargueiro com toucinho. Quando a gente quer muito ver uma coisa, acaba vendo em pensamento*." VEIGA, 1991, p. 03), animais soltos, confusão devido à escuridão, afirmação de avistamento apenas para coincidir com os outros relatos, entre outras:

- Agora que vocês estão falando, eu disse que tinha visto porque não quis contrariar. O que eu vi mesmo foi uns vultos embolados, não posso dizer que eram cargueiros. No escuro toda corda é cobra, todo padre é frade, como diz o ditado. (VEIGA, 1991, p. 03)

Contudo, nenhuma tentativa de explicação é satisfatória e deste modo instala-se a inquietação entre os moradores: "*Mas problema enterrado é problema plantado, se diz*." (VEIGA, 1991, p. 03). Vemos aqui uma aproximação às ideias sobre o estranhamento. A partir da observação das artes plásticas, Freud (2010) define estranhamento como aquilo que causa inquietação e angústia, ao mesmo tempo em que é familiar: "*O inquietante é aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é a muito conhecido, ao bastante familiar*." (FREUD, 2010, pág. 331). As ideias de Freud sobre estranhamento discorrem sobre a relação arte/psicanálise, mas estão inspiradas no conceito de estranhamento da literatura, apresentadas pela primeira vez por Viktor Chklovski, em seu texto "A arte como procedimento" (1917). Não é objetivo desta estudo aprofundar a discussão dos conceitos teóricos do formalismo russo, no entanto, é pertinente a ideia de Chklovski de que onde houver arte haverá um certo grau de estranhamento (NOGUEIRA, 2014, p. 04). Com isso, percebemos que a obra de Veiga está inscrita em um processo de criação de arte que dialoga com as estéticas do século XIX, evidenciando a importância e a originalidade da obra

Além do estranhamento e da inquietação, também notamos no romance uma crise de identidade, além da perda da noção de indivíduo:

- Quem havia de dizer que Manaraima ia mudar em tão pouco tempo... Antigamente a gente vivia descansado, sossegado, dormia e acordava e achava tudo no lugar certo, não era preciso pensar nada adiantado. Hoje a gente pensa até para dar bom-dia. O que foi que nós fizemos para acontecer isso? (VEIGA, 1991, p. 47)

Vemos aqui que antes da chegada dos forasteiros, os moradores de Manaraima tinham total consciência de si, porém, com a novidade da chegada dos de fora, esta consciência é fragmentada.

Outro efeito causado pela chegada dos desconhecidos é o medo. Os moradores de Manaraima têm medo, em primeiro lugar, de se aproximar dos forasteiros e logo depois, da reação dos mesmos, que costuma ser violenta e desagradável. Entretanto, quando os homens de fora vão embora, descobre-se que eles também tinham medo dos moradores da cidade:

- Abriram o pala de madrugada.
- Mas por quê?

- Acho que foi de medo. Andavam muito assustados.
- Medo de quê?
- Sei lá. De tudo. De nós. Quero dizer, de vocês. (VEIGA, 1991, p. 101)

O medo era mútuo, o que nos leva a pensar que ambos sentiam medo pelo desconhecido. No entanto, os moradores só percebem o medo que os forasteiros sentiam por eles no final. Durante todo o tempo em que estavam em contato, os moradores da cidade se colocaram numa atitude de inferioridade e sujeição por acreditar que os forasteiros, ao estarem a serviço do progresso, eram pessoas superiores, mais importantes, com mais conhecimento. Quando questionado sobre os motivos da presença dos forasteiros na cidade, Amâncio responde:

- (...) Ninguém veio cheirar nada. Eles vieram trabalhar, trazer progresso. Se o povo não entende, e fica de pé atrás, a culpa é do atraso, que é grande. Mas eles vão trabalhar assim mesmo, vão tocar para a frente de qualquer maneira. Quem não gostar coma menos. (VEIGA, 1991, p. 39)

Ou seja, a explicação da presença pelo progresso respondia a qualquer questionamento ou justificava o mau comportamento dos forasteiros, obrigando os moradores a aceitar tudo e também a sentir-se mal pela consciência do atraso da cidade. A consciência do progresso trazido pelos de fora cria nos moradores a consciência de que a cidade era atrasada: "- *Se todo mundo aqui fosse como eles, Manaraima seria um pedaço de céu, ou uma nação estrangeira.*" (VEIGA, 1991, p. 25)

A postura arrogante dos forasteiros, conscientes da sua posição de domínio daquela relação de convívio, faz com que os mesmos nunca contem aos moradores as suas reais intenções. Deste modo, podemos concluir que o desconhecimento dos moradores é, em parte pela sua natureza simples, em parte pela arrogância dos forasteiros, que os privam deliberadamente do conhecimento que resolveria o sentimento de inquietação e de medo.

A marca do progresso não aparece apenas no motivo da presença dos homens de fora, mas também na sua caracterização física:

- (...) Ainda rindo, o homem saiu andando com passos de bêbedo, pisando em cigarros, machucando rodilhas, e propositalmente ou não deu uma bicanca na caixa. Mandovi parou com as duas mãozinhas no chão, olhou e viu dois homens de muitas pernas, andaimes, vigas móveis tremendo, indo embora. (VEIGA, 1991, p. 49)

Como podemos ver, no romance *A hora dos ruminantes* encontramos questões da modernidade e seus dilemas, como o medo do desconhecido, do novo, do progresso, além da sensação de inquietação e estranhamento comuns na modernidade e que na literatura podem ser representados através do gênero fantástico.

O insólito

Lenira Covizzi, no seu livro *O insólito em Guimarães Rosa e Borges* (1978), afirma que o insólito é uma categoria que "*carrega consigo e desperta no leitor o sentimento do inverossímil, incômodo, infame, incongruente, impossível, infinito, incorrigível, incrível, inaudito, inusitado, informal...*" (COVIZZI apud GARCIA, 2012, p. 34). Podemos entender que o insólito se manifesta dentro da lógica do texto e dos personagens e ao mesmo tempo, desperta sensações no leitor.

A autora também afirma que o insólito se manifesta diante do desconhecido: "*entra-se em contato com objetos, pessoas, situações até então desconhecidos. Daí a perplexidade e excitação que provoca.*" (COVIZZI apud GARCIA, 2012, p. 34).

Além de perplexidade, o desconhecido pode gerar medo, o que, de acordo com Roas (2006), é um dos principais efeitos do fantástico:

Una vez establecida la existencia de dos estatutos de realidad, la actuación de lo fantástico consiste en la transgresión de este límite. Una transgresión que al mismo tiempo provoca el extrañamiento de la realidad, que deja de ser familiar y se convierte en algo incomprensible y, como tal, amenazador. Y directamente ligado a esa transgresión, a esa amenaza, aparece otro efecto fundamental de lo fantástico: el miedo. (ROAS, 2006, p. 97)

Na obra *A hora dos ruminantes*, podemos encontrar vários eventos insólitos que ocorrem a partir de um evento novo, diferente: a chegada dos forasteiros. Podemos classificar estes eventos insólitos em dois níveis. No primeiro nível, temos o que poderíamos chamar de macroeventos, isto é, eventos que rompem a ordem cotidiana da cidade e que irão gerar outros eventos insólitos, em segundo nível. Como macroeventos, temos a chegada dos forasteiros, a invasão de cães, a invasão de bois e posteriormente, o desaparecimento de todos eles.

O primeiro macroevento insólito é a chegada dos forasteiros, percebida pelos moradores no dia seguinte do avistamento dos cargueiros.

No dia seguinte a cidade amanheceu ainda sem toucinho, mas com uma novidade: um grande acampamento fumegando e pulsando do outro lado do rio, coisa repentina, de se esfregar os olhos. As pessoas acordavam, chegavam à janela para olhar o tempo antes de lavar o rosto e davam com a cena nova. (...)

Seriam ciganos? Não estavam parecendo. Cigano arma barraca espalhado e pendura panos por toda parte, em desordem; e aquelas lá acamparam em linha, duas fileiras certas, medidas, deixando uma espécie de largo no meio. Também cigano não usa ter cachorros, e aqueles tinham, de longe se via os bichos bodejando no capim, dando pulos e bocadas no ar, se perseguindo entre as barracas, espanando o ar com o rabo, alegres da vida, enquanto os homens andavam ativos carregando volumes, se consultando, sem tomar conhecimento da cidade ali perto. Seriam engenheiros? Mineradores? Gente do governo? (VEIGA, 1991, p. 04)

Podemos entender, na leitura deste fragmento, que em algum momento anterior os moradores da Manaraima já tinham recebido a visita de ciganos e desta maneira, puderam identificar que os novos visitantes não eram ciganos por

apresentar costumes diferentes e desconhecidos. Ao não reconhecer os costumes, os moradores não puderam identificar a que grupo pertencia os forasteiros, o que também nos leva a pensar que nunca haviam recebido engenheiros, mineradores ou "gente" do governo, pois, caso contrário, reconheceriam os seus costumes. Isto confirma a ideia da representação de uma comunidade primitiva, pré-moderna, que só tem contato com povos também primitivos e pré-modernos como os ciganos, mas nunca recebeu a visita de pessoas relacionadas com o progresso ou com poder vigente.

O segundo macroevento insólito é a invasão de cachorros. Antes que acontecesse, os moradores perceberam que alguma coisa estranha iria acontecer.

Dois ou três dias antes o povo notou que os cachorros da tapera estavam ficando inquietos, turbulentos, aflitos como em véspera de uma grande caçada. À noite o alarido era tal que chegava a perturbar o sossego na cidade. A impressão geral era que os homens não estavam dando comida suficiente aos bichos. Seria por maldade? Ou distração? Ou falta de recursos? (VEIGA, 1991, p. 33)

Os cães invadem a cidade, que vê novamente a sua rotina sendo interrompida, o que já havia acontecido antes com a chegada dos forasteiros.

Os cachorros baixaram de repente, apanhando todo mundo de surpresa. A cidade estava engrenando na rotina do tomar café, do regar horta, do varrer casa, do arrear cavalo, quando os latidos rolaram estrada abaixo. As pessoas correram para as janelas, as cercas, os barrancos e viram aquela enxurrada avançando rumo à ponte, cobrindo buracos, subindo rampas, contornando pedras, aos destrambelhos, latindo sempre. (VEIGA, 1991, p. 34)

A princípio, os cães causam temor, mas logo os moradores se acostumam com a presença deles e retomam a rotina (p. 36). Contudo, da mesma forma inesperada que chegam, também se vão:

Mas uma tarde, já ao escurecer, como obedecendo um comando secreto, todos os cachorros cessaram o que estavam fazendo, farejaram o ar, limparam os pés e dispararam no rumo da tapera, atropelando gente e se atropelando. (...)

As pessoas ficaram sem saber o que pensar nem o que fazer, com medo de se descontraírem antes da hora e terem de repor a máscara às pressas. (VEIGA, 1991, p. 38)

Não há no romance uma explicação para a invasão dos cães, nem para a sua retirada. Porém, há a sensação de que tanto a invasão quanto a retirada foram planejadas pelos forasteiros e que isto foi percebido pelos moradores.

O terceiro macroevento insólito é a chegada dos bois. Diferente da invasão de cães, que foi inesperada e repentina, os bois vão chegando aos poucos e os moradores só percebem o problema quando o mesmo já está totalmente instalado.

Fazia dias que os bois vinham aparecendo aqui, ali, nas encostas das serras, nas várzeas, na beira das estradas, uns bois calmos,

confiantes, indiferentes. As marcas que mostravam nada esclareciam, ou eram desconhecidas na região ou muito apagadas, difíceis de serem recompostas. Bom: são bois vadios, desgarrados de boiadas; qualquer dia os donos vêm buscar, ou eles mesmos desaparecem assim como vieram - sem aviso, sem alarde.

Isso pensava-se, mas não foi o que aconteceu. Longe de ir embora, os bois se chegaram mais e em grande número. (...) Encheram os becos, as ruas, desembocaram no largo. A ocupação foi rápida e sem atropelo e quando o povo percebeu o que estava acontecendo já não era possível fazer nada (...). (VEIGA, 1991, p. 83)

A invasão de bois ocupa, literalmente, todos os espaços da cidade, impedindo a locomoção física dos seus moradores. As únicas pessoas que conseguiam se movimentar eram as crianças, que o faziam saltando sobre os bois. Mas, com o passar dos dias, as crianças começam a se cansar e a abandonar esta movimentação, condenando o povoado à falta de comunicação e conseqüentemente, de abastecimento. A situação se agrava ao ponto em que os moradores já se preparavam para o pior, para um destino fatídico inevitável: *"Os meninos não apareciam mais em suas missões de estafetas, deviam estar exaustos, Famintos prostrados. Sentia-se que a cidade morria quietamente em toda parte."* (VEIGA, 1991, p. 93)

O desalento dos moradores da cidade era tão grande que não perceberam os sinais que anunciaram a partida dos bois.

Por isso poucos notaram os primeiros sinais, e mesmo esses não deram maior atenção.

Primeiro foi um desassossego entre os bois, um estremecer de lombos e barbelas, um escovar de pés no chão; depois os berros cruzados, de aviso, de chamado. Houve quem acordasse com o barulho desusado, mas ninguém ousava esperar nada exceto encontrar tudo na mesma na manhã seguinte, (...).

Os que ouviram os sinais não ligaram e voltaram a dormir. (...)

De repente, a descoberta. Gente não se contendo e abrindo janelas, ainda receosa mas já esperançada. O espanto, a incredulidade – a alegria. (VEIGA, 1991, p. 94,95)

A partida dos bois coincide com a dos forasteiros, que não foi percebida pelos moradores e sim anunciada, de maneira dissimulada e oblíqua por Geminiano, que teve contato direto com os homens de fora.

(...) Geminiano inspirou fundo, soprou o ar pelas bochechas, exagerando o ruído.

- Na tapera tem muita coisa boa. É só apanhar - informou ele para agradar.

Ninguém entendeu logo, todos o olharam intrigados. Vendo que estavam interessados, ele completou:

- Os homens foram embora. (VEIGA, 1991, p. 100)

Estes três macroeventos geram uma série de eventos insólitos, dos quais destacamos alguns relacionados a encontros diretos dos moradores com os

forasteiros. O primeiro contato ocorre com o padre da cidade, que estava acostumado a ser tratado com respeito pelos moradores, mas é desprezado e tratado com grosseria pelos forasteiros (VEIGA, 1991, p. 05).

O segundo encontro ocorre com Geminiano, proprietário de uma carroça de aluguel. O personagem está acostumado a trabalhar de maneira autônoma e independente, porém, é pressionado por um forasteiro a entregar a carroça em troca de dinheiro, o que Geminiano não aceita (p. 07,08). Contudo, mais adiante, descobre-se que Geminiano está trabalhando para os homens de fora, realizando um transporte de areia sem saber quando terminaria o trabalho:

Um mês já naquele serviço, duas, três viagens por dia conforme o correr, e ele ainda não sabia quando ia parar. Na praia das lavadeiras já havia um buraco enorme, por ele se podia calcular quanta areia estava amontoada na tapera.

- Para que eles precisam de tanta areia?

- Obras. Para que mais podia ser? Estão fazendo grandes obras. (VEIGA, 1991, p. 14, 15)

Esta indefinição faz com que Geminiano entre em desespero: "*O que é que eu faço? Como é que eu vou sair desta prisão? Por que foi que eu não recuei enquanto era tempo? O que será de mim agora? Não aguento mais! Estou nas últimas! Vejo que vou acabar fazendo uma besteira*". (VEIGA, 1991, p. 29)

Outro evento insólito ocorre quando Amâncio decide enfrentar os forasteiros. Anuncia sua intenção para toda a cidade e vai até o acampamento dos homens de fora. No entanto, ao invés de iniciar um conflito com os forasteiros é visto jogando peteca com eles (VEIGA, 1991, p. 21). Após este evento, os forasteiros começam a frequentar a venda do Amâncio, que passa a se comportar de maneira subserviente aos forasteiros, assim como Geminiano.

Mai um evento insólito ocorre envolvendo contato direto entre moradores e forasteiros ocorre com o encontro entre o casal de namorados Pedrinho e Nazaré. Os forasteiros convidam o casal a ir para a tapera. Nazaré aceita de maneira entusiasmada, ao contrário de Pedrinho, que aceita de maneira relutante (p. 80). Dias depois, Pedrinho aparece novamente na cidade, sozinho, contando que foi maltratado e golpeado não só pelos forasteiros, mas também pela Nazaré: "*(...) Quando um deles deu a ideia de me amarrarem e tudo, a senhora precisava ver a alegria dela. Pulava e esfregava as mãos de contente, e ainda animava os outros*". (VEIGA, 1991, p. 91)

O contato com os homens de fora transforma a rotina e o comportamento dos moradores. No que diz respeito aos macroeventos e eventos insólitos, percebemos o mesmo movimento. Primeiro, há um estranhamento por parte dos moradores, seguido de aceitação e resignação. Também há um comportamento recorrente no estabelecimento de contato entre moradores/forasteiros. Os moradores primeiro têm uma atitude de enfrentamento, logo de aproximação, seguida de discórdia e medo. Por parte dos forasteiros, vemos um comportamento arrogante e grosseiro. Tanto de um lado, quanto do outro, falta compreensão e entendimento. Podemos percebê-lo com clareza na tentativa falida de conversa entre Apolinário e dois forasteiros na venda do Amâncio. Dias antes desta conversa, os dois forasteiros provocam a Mandovi, filho de Apolinário, quem responde com

pedradas aos forasteiros. Vários moradores da cidade, incluindo Amâncio e Geminiano, insistem que Apolinário deveria pedir desculpa para os homens de fora a fim de evitar uma vingança. Apolinário se mantém firme no propósito de não pedir desculpa, mas diante da insistência de Amâncio, aceita conversar com os estrangeiros. Entretanto, a conversa não tem nenhum sentido já que os estrangeiros não conseguem entender-se entre eles nem expressar o que queriam (VEIGA, 1991, p. 68-70).

Em definitiva, vemos que o romance *A hora dos ruminantes* é uma obra fantástica, dentro da variante insólita, uma vez que os eventos narrados no texto geram perplexidade, excitação e medo dentro da lógica interna do romance e também no leitor, comprovando assim as ideias de Covizzi e Roas.

Conclusões

Ao longo deste estudo, pudemos ver que a obra *A hora dos ruminantes*, de José J. Veiga, é um romance que contém características e temáticas da modernidade. O evento inicial desencadeia uma série de sensações e inquietações, comuns no homem moderno, como o rechaço do progresso, o medo do novo e do desconhecido.

Para representar estas sensações na sua obra, o autor utiliza a estética do fantástico, que cria o efeito do medo diante do desconhecido e, de maneira mais específica, a variante do insólito, que gera o efeito de perplexidade diante do desconhecido.

Referências

- BASTOS, Alcmemo. *Os realismos irrealistas na literatura brasileira contemporânea*. Disponível em <http://www.alcmemo.com/wordpress/wp-content/arquivos/os-realismos-irrealistas-2010-sem-adendos.pdf> Acesso: 09 jun. 2013
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- FERNANDES, Marcelo J. *As metáforas da opressão em A hora dos ruminantes, de José J. Veiga*. Disponível em http://www.novasaquarema.com.br/poiesis/103/jjveiga_ruminantes.htm Acesso: 09 mai. 2019
- FREUD, Sigmund. O inquietante. In: FREUD, Sigmund. *História de uma neurose Infantil: ("O homem dos lobos"): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GARCIA, Flavio. A manifestação do insólito ficcional, na categoria personagem, como marca do fantástico modal: uma leitura de 'A gorda indiana', do escritor moçambicano Mia Couto. In: *Redisco*. Vitória da Conquista, v. 1, n. 2, 2012, p. 33-45. Disponível em <http://periodicos.uesb.br/index.php/redisco/article/viewFile/1254/1145> Acesso: 01 out. 2017
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- NOGUEIRA, Antônio. Teoria do Estranhamento. In: *11º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, BlucherDesignProceedings*. Volume 1, 2014.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/designpro-ped-00479> Acesso em: 16 mai. 2019.

ROAS, David. Hacia una teoría sobre el miedo y lo fantástico. In: *Semiosis*, v. 2, n. 3. Enero-Junio/2006. p. 95-116. Disponível em

http://www.hemerotecasemiosis.mx/file/5.%20Hacia%20una%20teor_a%20sobre%20el%20miedo%20y%20lo%20fant_stico.%20David%20Ro.pdf Acesso: 01 out.

2018

RÖHRIG, Adriana. *Os dilemas do homem moderno em A hora dos ruminantes, de J. J. Veiga.* Disponível em

http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num18/art_01.php Acesso: 09 jun. 2018

SHINAIDERMAN, Boris (Pref.). *Teoria da Literatura. Formalistas russos.* Rio de Janeiro: Editora Globo, 1970.

VEIGA, José J. *A hora dos ruminantes.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.